

Resistir para existir: uma análise de narrativas de mulheres surdas e negras sobre suas (re)existências

Charliane Oliveira Ferreira¹

Samara Louise da Cunha Silva²

Carlos Alberto Matias de Oliveira³

Paulo Rogério Stella⁴

RESUMO:

Esta pesquisa volta-se para as narrativas de mulheres negras e surdas que se inscrevem nos mais diversos contextos sociais. O principal objetivo deste estudo é identificar quais os discursos que atravessam e constituem mulheres negras e surdas e os efeitos desses discursos nas vidas de tais mulheres. Esta investigação situa-se no campo da Linguística Aplicada, por reconhecermos como inescapável as relações entre língua e vida (MOITA LOPES, 2006). Ademais, filiamos-nos aos pressupostos de Bakhtin e o Círculo (VOLÓCHINOV, 2017; BAKHTIN, 1992) ao compreender que todas as relações entre os sujeitos são (re)construídas na e por meio da língua. Como recorte metodológico, foram selecionadas duas mulheres negras e surdas, ambas residentes do município de Maceió-AL, com idades de 31 e 34 anos, respectivamente. Foram realizadas entrevistas narrativas (MINAYO, 2016) com as participantes. Os dados gerados nas narrativas foram analisados à luz das contribuições de autores que discutem sobre mulheres surdas e mulheres negras, também autores que debatem sobre a temática do racismo (VEDOATO, 2015). Os resultados apontam que as participantes passaram por inúmeras experiências que revelam a presença do racismo estrutural, assim como do capacitismo associado à discriminação de gênero. Conclui-se que os discursos misóginos, racistas e capacitistas circulantes atravessaram e constituíram essas sujeitas, revestindo-as de preconceitos consigo mesmas, levando-as a um processo de autoconhecimento e de (re)existência.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso. Narrativas. Libras. Mulheres surdas. Mulheres Negras. Gênero e Racismo.

¹ Graduada em Letras-Libras: licenciatura pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas. Email: charliane.ferreira@fale.ufal.br.

² Graduada em Letras-Libras: licenciatura pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas. Email: samara.silva@fale.ufal.br.

³ Doutorando em Linguística Aplicada pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas. Pesquisador do Grupo de Pesquisa Observatório da Linguagem em Uso - ObservU. E-mail: carlos.oliveira@fale.ufal.br.

⁴ Professor Doutor do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas. Líder do Grupo de Pesquisa Observatório da Linguagem em Uso - ObservU. E-mail: paulo.stella@fale.ufal.br.

1. INTRODUÇÃO

O lugar social ocupado pela mulher é fortemente atravessado pelos mais diversos discursos opressores que tem por mote a subalternização da mulher e a manutenção das estruturas de dominação que a posicionam em lugares considerados inferiorizados. Quando esse lugar é interseccionado por outras marcas e condições sociais, isto é, ser uma mulher não cis-hétera, negra, de classe média baixa, não-cristã, nordestina, indígena e, para fins deste trabalho, com surdez, ocorre a adição e expansão das diversas formas de violências.

Na esteira dessas relações desiguais de poder, colocamos em relevo neste trabalho, fazendo um recorte social, o lugar da mulher surda e negra. Ressaltamos que embora façamos referência a um lugar social enquanto espaço coletivo, frisamos que reconhecemos neste trabalho a singularidade e as especificidades de cada mulher. Nosso interesse nessa temática surge no decurso do nosso caminhar no curso de Letras-Libras: licenciatura da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas, uma vez que fomos instigadas, por nos reconhecermos habitando também esse lugar da mulher (embora não surdas), a refletir acerca das práticas discursivas que têm atravessado, construído e constituído mulheres surdas e negras. Pois, esse balizamento encontra ressonâncias em nossas vidas, uma vez que, também fazemos parte daqueles que são marginalizados por sermos mulheres e, no caso de uma das autoras, pessoa negra⁵.

As questões que nos inquietaram e nos moveram à pesquisa foram: i) que discursos atravessam e constituem mulheres surdas e negras? ii) que efeitos de sentidos podemos depreender nos e por meio dos discursos identificados na vida dessas mulheres surdas e negras? Visando alcançar as respostas às questões levantadas, estabelecemos os seguintes objetivos: i) identificar os discursos que atravessam e constituem mulheres surdas e negras e ii) refletir acerca dos efeitos de sentidos (re)produzidos nos e por meio dos discursos identificados na vida dessas mulheres surdas e negras.

Além desta introdução, este texto é composto por oito seções, a primeira seção intitulada *Percurso Metodológico* apresenta os percursos seguidos para a execução deste trabalho, em sequência, na segunda e terceira seções intituladas *Aspectos Históricos Sociais da Pessoa com Surdez* e *Mulher Surda e Negra* são apresentados os elementos que desenham historicamente os cenários vividos por mulheres surdas e negras. Na quarta, quinta e sexta seções, intituladas, respectivamente: *Discurso sobre o cabelo*, *O Discurso sobre o Corpo*, *A Mulher Surda e Negra e o Machismo* nos debruçamos acerca das análises das entrevistas

⁵ Foi uma opção da própria autora dizer-se pessoa negra e não preta.

realizadas e dos discursos identificados. E, por fim, apresentamos algumas considerações que entendemos não-finais e as referências utilizadas.

2. PERCURSO METODOLÓGICO

Esta pesquisa ancora-se no campo da Linguística Aplicada (doravante LA), uma vez que coadunamos do entendimento de que a língua atravessa e constitui as relações sociais (MOITA LOPES, 2006). A relação indissociável que a língua estabelece com a vida nos possibilita investigar as práticas sociais por meio da própria língua. A LA é um campo extremamente relevante e tem contribuído significativamente em pesquisas qualitativas e sociais.

Nossa concepção de língua apoia-se nos postulados de Bakhtin e o Círculo (VOLÓCHINOV, 2017; BAKHTIN, 1992), ao compreender a língua como elemento constituinte de todas as relações sociais. Desse posicionamento, convergimos com o entendimento de que a língua baliza e estrutura nossas relações, nossa constituição de identidades e o modo como (re)construímos e enxergamos a realidade. Partindo desse entendimento, consideramos imprescindível tomar a língua como objeto de estudo, para, desse modo, podermos nos mover rumo a ações transformadoras de realidades opressoras. É preciso questionar os regimes estabelecidos, por mais provisórios que possam ser, pois, como afirma Fabrício (2017, p. 608), “se não o fizermos, não conseguiremos dar um passo à frente dos limites já demarcados”.

Salientamos que este trabalho se inscreve no rol dos estudos qualitativos, por compreendermos que a pesquisa qualitativa proporciona o acesso às realidades numa dimensão coletiva, e, ao mesmo tempo, situada. Ademais, utilizamos como instrumento de pesquisa *entrevistas narrativas* (MINAYO, 2016). Para Minayo (2016, p. 63), as entrevistas narrativas permitem aos participantes se expressarem “mais livremente e as perguntas, quando são feitas, buscam dar mais profundidade às reflexões, sem uma estrutura previamente formada, ao tempo que também nos permitirá reter vários aspectos do universo pesquisado”. Ainda nessa direção, Paiva (2008, p. 1) afirma que as narrativas podem ser compreendidas como “uma história, algo contado ou recontado, um relato de um evento real ou fictício, um relato de uma série de eventos conectados em sequência, um relato de acontecimentos, uma sequência de eventos passados, uma série de eventos lógicos e cronológicos, etc.”.

Diante disso, recorreremos a essa operacionalização metodológica por compreendermos que desse modo as participantes poderiam relatar de forma livre, ainda que um pouco guiadas,

as suas experiências de vida. Assim, esperamos compreender como as participantes interpretam o papel da mulher surda e negra nos diversos contextos sociais. Pois, coadunamos do entendimento de que através das narrativas os participantes podem expressar “não somente um ponto de vista sobre eles mesmos, sobre seu espaço e seu tempo, mas também oferecem um ponto de vista valorado sobre o outro” (STELLA; TAVARES, 2012, p. 5).

Participaram desta investigação duas mulheres negras e surdas. Ambas as participantes residem na cidade de Maceió (com 31 e 34 anos de idade, respectivamente). Utilizamos os recursos do Google Meet para realizar as entrevistas com as participantes, posto que, em virtude da pandemia da COVID-19, o ensino remoto foi adotado pela UFAL e muitos trabalhos foram realizados neste formato, seguindo, assim, as recomendações sanitárias.

Em decorrência da surdez das participantes, fez-se necessária a interpretação das questões do português para Libras, realizada por uma das autoras que é tradutora e intérprete de Libras. Como parte do recorte metodológico, as respostas em Libras foram traduzidas para o português escrito.

3. ASPECTOS HISTÓRICOS SOCIAIS DA PESSOA COM SURDEZ

Ao longo da história são inúmeros os registros que relatam as violências sofridas pelas pessoas com surdez, tanto no que concerne aos aspectos físicos, quanto mentais e sociais. Em Atenas, as pessoas que nasciam surdas eram abandonadas e deixadas em praças ou em campos, anulando suas chances não só de vida, mas também de existência, pois estes eram “considerados seres incapazes e incompetentes” (STREIECHEN, 2013, p. 19).

De acordo com Streiechen (2013), muitos acreditavam que o processo do pensar estaria sempre atrelado aos mecanismos da linguagem. Desse entendimento, as pessoas surdas, por não escutarem, eram (e ainda são) consideradas incapazes de desenvolver o pensamento em razão da não possibilidade da verbalização da fala. Em Roma, as pessoas com surdez eram acusadas de feitiçaria e afogadas. No decorrer dos séculos, o discurso de que o sujeito surdo não possuía língua foi fortemente sustentado e duramente defendido, contribuindo, conseqüentemente, para a marginalização social das pessoas surdas nos mais diversos espaços sociais.

A trajetória da surdez também passou por duas perspectivas, uma clínica e outra socioantropológica. A perspectiva clínica tem (re)produzido sentidos de normatização, compreendendo a pessoa ouvinte como o modelo ideal, ao passo que (re)produz olhares reducionistas e marginais para as pessoas com surdez. Bisol (2010, p. 2) observa que a

perspectiva clínica enxerga a surdez pelo olhar da reabilitação, e desse olhar compreende-se que a perda auditiva produz consequências ao desenvolvimento psicossocial do surdo, “diminuindo consideravelmente sua capacidade de adaptação social”, e, diante disso, “deve-se tentar a cura do problema auditivo (implantes cocleares, próteses) e a correção dos defeitos da fala por meio da aprendizagem da língua oral”.

Na contramão da perspectiva clínica, que entendemos como reducionista e opressora, surge a perspectiva socioantropológica, compreendendo a pessoa surda não pelo espectro da falta, do déficit, mas pelo olhar da diferença. Segundo Vedoato (2015), a perspectiva socioantropológica advoga que a surdez deve ser vista como uma diferença e não uma deficiência, visto que esses sujeitos se apropriam do mundo pelo canal viso-gestual. A pessoa com surdez possui identidades e culturas constituídas pelas especificidades da surdez.

A visão socioantropológica compreende que os impedimentos que as pessoas surdas enfrentam são causados de fora para dentro. Eles não se encontram no fato biológico, mas no social: são as desiguais estruturas de poder que movem as pessoas consideradas com deficiência para as margens da sociedade. Os relatos históricos apontam que muitas vezes esses sujeitos foram excluídos do convívio social e poucos tiveram a oportunidade de serem protagonistas de suas próprias lutas, posto que estes sempre foram movidos para as margens da sociedade ouvinte.

Segundo Van Cleve (*apud* CAMPELLO, 2014), os surdos pobres e sem prestígio social eram estigmatizados como incapazes, enquanto os surdos possuidores de poder aquisitivo ocupavam os mais diversos espaços no mundo das artes e no empreendedorismo. Restava à classe socialmente e economicamente inferior apenas o véu da inexistência social. Apesar das diferenças, as pessoas surdas são entendidas como uma mesma categoria, anulando suas individualidades e especificidades da surdez.

Essa atitude responde aos discursos colonialistas, promovendo a manutenção das práticas de invisibilização desses sujeitos. Percebemos que esse movimento de categorizar as pessoas com surdez como sujeitos unos, retratados na figura masculina, evidencia o apagamento de outras possibilidades de narrativas. Referimo-nos aqui ao apagamento da mulher surda e negra, pois consideramos que há papéis de privilégios para o sexo masculino e uma dupla invisibilidade em relação à questão da mulher e a sua etnia.

4. A MULHER SURDA E NEGRA

Historicamente o sexo feminino é retratado como frágil e, muitas vezes, sexualizado, por discursos preconceituosos, machistas, sexistas e patriarcais que promovem a inferiorização das mulheres. O processo de apagamento da mulher na história é antigo, pois desde o nascimento a mulher “é educada para ser oprimida, para saber o *seu lugar* no mundo, que é sempre, em qualquer âmbito, um lugar subalterno, é configurada para aceitar essa condição como se fosse algo natural e, ainda por cima, com um sorriso nos lábios” (TOLEDO, 2008, p. 23, *italico do autor*).

Segundo Silva *et al.* (2019), ao longo da história essa opressão acarretou o apagamento de diversas narrativas femininas. O autor salienta que as mulheres seguiram sendo narradas pelos homens, que estes, por sua vez, seguiram determinando que o papel da mulher seria apenas o de perpetuar o ciclo familiar, colocando-a em status de inferioridade quando comparadas ao prestígio social ocupado pelo sexo masculino. Os pensadores do cristianismo como São Tomás de Aquino, Santo Agostinho e Tertuliano afirmaram que por não ser mais que um ser incompleto, um aborto da natureza, a mulher não podia retratar a *imagem de Deus*, passando a ser o grande perigo de virtude para o homem. Para Nogueira (1991), esses pensadores entendem que a mulher tem um papel negativo

no fenômeno da geração, é o homem que desempenha um papel positivo, sua parceira é apenas um receptáculo. Verdadeiramente, não existe mais que um sexo, o masculino. A fêmea é um macho deficiente. Não é então surpreendente que este débil ser, marcado pelas *imbecilias* de sua natureza, a mulher, ceda às tentações do tentador, devendo ficar sob tutela (NOGUEIRA, 1991, p. 105, *grifos do autor*).

Ao termos como foco a mulher negra ao longo da história, percebemos o quão distante eram suas realidades se comparadas às de “suas irmãs brancas” (DAVIS, 1981, p. 24). De acordo com Davis, no período escravista, em meados do século XIX, as mulheres negras eram vistas como “praticamente anomalias” (DAVIS, 2019, p. 24). Grandemente enaltecida na época, a feminilidade significava a mulher estar sempre bem arrumada e bem-vestida, cuidando de sua casa, filhos e marido. Por outro lado, as mulheres negras eram vistas apenas como uma ferramenta de trabalho em tempo integral, aliás, o trabalho imposto era escravo, com o tempo que sobrava, eram mães e esposas (DAVIS, 1981).

No que diz respeito à mulher com deficiência, somando-se ainda questões de raça, os entraves sociais tornam-se mais visíveis, uma vez que estamos tratando de uma sociedade estruturalmente machista, patriarcal e misógina, ainda fortemente influenciada pelo discurso

eurocêntrico, que idealiza um modelo padrão socialmente aceitável, e neste padrão, os diferentes são reféns. As mulheres surdas e negras sofrem mais do que os homens surdos, uma vez que “a marca da surdez é o que os assemelha, mas não os iguala” (VEDOATO, 2015, p. 14). Isso demonstra a importância de uma abordagem mais abrangente que foque não apenas a surdez, mas que leve em consideração a intersecção com as questões de gênero e etnia.

5. DISCURSO SOBRE O CABELO

A existência da mulher negra é historicamente marcada por lutas e atos de resistência que vão muito além da emancipação feminina e do direito ao trabalho (HOOKS, 2019). Lutas que se estendem para além das cozinhas dos senhores e das grandes fábricas, são lutas pela existência e o direito de ser uma mulher negra. Essa realidade é identificada em uma das narrativas da participante Cecília:

Eu percebo que existe muita implicância ainda na sociedade no que diz respeito aos traços negros da população negra – Cecília.

Ao passo que avançávamos com nossa pesquisa e coleta de dados, falas como as de Cecília nos despertaram para problemas que muitos consideram superados, ao passo que para outros nunca existiram: o racismo. Ao enfatizar que *existe muita implicância ainda na sociedade no que diz respeito aos traços negros*⁶, Cecília toca em uma ferida não cicatrizada: o racismo biológico, étnico e identitário. A *implicância* narrada por Cecília, *ainda* presente em nossa sociedade, decorre do olhar racista que compreende qualquer traço estético que se reporta à negritude “como feio e indesejável, objeto de negação”. (PAULINO, 2019, p. 222). É dado ao branco o poder modalizador sobre os negros, moldando sua identidade, uma vez que as características estéticas do povo negro tendem a ser altamente desvalorizadas por certa parcela da população (VIEIRA, 2015), ao passo que “as características de pessoas brancas são consideradas as melhores” (MENDES, 2021, p. 10).

No tocante ao cabelo, Cecília reporta situações de violência vivenciadas por ela devido ao seu tipo de cabelo não seguir o padrão idealizado socialmente (liso), e isso lhe acarretou sofrimento:

Implicância com o cabelo cacheado/crespo, eu mesma já sofri bastante com essa questão do cabelo – Cecília.

⁶ Menções às narrativas das participantes serão feitas no corpo do texto em itálico e negrito.

Mattos (2015, p. 44) observa que pessoas negras para serem aceitas “nos espaços sociais e do mercado de trabalho eram diretamente influenciados pelos padrões estéticos que beneficiam aqueles mais próximos da estética branca”. O cabelo feminino é visto como protagonista responsável pela beleza e feminilidade da mulher, sendo muitas vezes também

definido por muitos como “a moldura do rosto”, o cabelo pode dar informações sobre as origens, pertencimentos a grupos sociais e hábitos de uma pessoa, aproximando ou afastando indivíduos enquanto elementos de identidade corporal. Eles possuem uma grande capacidade de expressão simbólica, vinculados a um contexto sociocultural (KING, 2015, p. 8, grifos do autor).

Ao passo que a identidade e o empoderamento da mulher negra são fortalecidos na aceitação do cabelo, há um movimento social que marginaliza as mulheres que não seguem as normas estabelecidas quanto ao tipo de cabelo ideal. É imposto um padrão a seguir que vai no caminho contrário ao de sua(s) identidade(s) enquanto mulher negra de cabelo cacheado ou crespo. Uma vez que:

[...] o cabelo é parâmetro para inserção social quanto mais alta a ascensão, mais “embraquecida” deve ser a identidade do negro, e no caso da mulher negra, esse “embraquecimento”, passa pelos cabelos (PAULINO, 2019, p. 227, grifos do autor).

Desta forma, as mulheres negras são postas em situação de opressão identitária e racial, forçando-as a adaptar-se ao padrão estético do grupo dominante (estética branca) e/ou mascarando as identidades e abdicando das subjetividades, para que possam ser socialmente aceitas. A participante Cecília conhece bem essa difícil realidade, pois desde muito cedo precisou encarar os ataques racistas e preconceituosos que a atravessaram enquanto mulher surda e negra:

Na escola sofria muito, zombavam do meu cabelo, da minha surdez, falavam que eu e meu cabelo éramos feios, que era errado ter o cabelo que tenho. Me sentia muito angustiada, então pra tentar mudar essa situação de discriminação e bullying, pinteí meu cabelo e o alisei – Cecília.

Cecília foi vítima de um dos mais graves tipos de violência, a de não poder gozar de sua plena existência e identidade enquanto mulher negra de cabelo crespo, sendo-lhe gerados traumas no que se refere a sua aparência e autoestima. Gomes (2019) ressalta que:

Quanto mais preta é a cor da pele e mais crespo é o cabelo, mais as pessoas que possuem tais características são desvalorizadas e ensinadas a se desvalorizar, não só esteticamente, mas também enquanto seres humanos. O racismo e a branquitude, ao operarem em conjunto, lançam dardos venenosos sobre a construção da identidade negra e tentam limitar os indivíduos negros, sobretudo as crianças e as mulheres que, ao se mirarem no espelho, veem aquilo que ele - o racismo - coloca à sua frente (GOMES, 2019, p. 295).

A sociedade ainda fortemente racista na qual vivemos reforça a todo instante os padrões estéticos naturalizando-os como aceitáveis, julgando ser *errado ter o cabelo cacheado* ou *crespo*, como no caso de Cecília. Através do processo de marginalização social, as identidades negras vão sendo apagadas. O termo *errado*, na fala da participante, que foi utilizado para atacar sua identidade, não diz respeito apenas ao seu cabelo ou suas características físicas e biológicas referentes a sua etnia, mas refere-se ao ser errado sua própria existência. Errado existir da forma que não agrada ao grupo dominante, forçando os grupos minoritarizados a adaptar-se ao padrão exigido para que os ataques e retaliações deixem de existir. E é exatamente isso que este último excerto da fala de Cecília na temática sobre cabelos nos mostra: *pintei meu cabelo e o alisei*. A isso, Gomes (2012) diz que

O cabelo negro, visto como “ruim”, é expressão do racismo e da desigualdade racial que recai sobre o sujeito. Ver o cabelo do negro como “ruim” e do branco como “bom” expressa um conflito. Por isso, mudar o cabelo pode significar a tentativa do negro de sair do lugar de inferioridade ou a introjeção deste. Pode ainda representar um sentimento de autonomia, expresso nas formas ousadas e criativas de usar o cabelo (GOMES, 2012, p. 3).

Para as mulheres negras, no entanto, a realidade é bem diferente. Essa moldura parte de um padrão que coloca o cabelo da mulher branca como modelo. Aquelas mulheres que não se enquadram nesse molde, são oprimidas de diversas formas, como, por exemplo, a citada por Cecília. Tais práticas, de zombaria, de caçoar, causam nas mulheres negras o sentimento de desajuste (SILVA, 2019). São experiências que se revelam dramáticas e traumáticas. Numa tentativa de se adequar, de se ajustar, recorrem-se ao “uso excessivo de produtos químicos de alisamento para os cabelos, ou o abuso no uso de apliques, danificam parte do couro cabeludo, tendo que conviver irremediavelmente com a calvície precoce” (SILVA, 2019, p. 181). Essa experiência é também relatada por Cecília, ao narrar que chegou a pintar e alisar seus cabelos; experiências causadoras de constrangimento e autodepreciação. São experiências que se

deslocam da dimensão privada e atingem a dimensão do coletivo, ao mesmo tempo que são nutridas por ele.

De acordo com Gomes (2002, p. 45), “cabelo de bombril”, “nega do cabelo duro” são denominações pejorativas que “expressam que o tipo de cabelo do negro é visto como símbolo de inferioridade, sempre associado à artificialidade (esponja de bombril) ou com elementos da natureza (ninho de passarinhos, teia de aranha enegrecida pela fuligem)”. Ainda segundo a autora, são termos que marcam a história das pessoas negras e que, muito provavelmente, são uma das primeiras experiências de rejeição com o próprio corpo por que passam as crianças negras. Segundo Gomes (2002, p. 45), “uma coisa é nascer criança negra, ter cabelo crespo e viver dentro da comunidade negra; outra coisa é ser criança negra, ter cabelo crespo e estar entre brancos”. Outra materialidade discursiva identificada nas narrativas das entrevistadas diz respeito ao discurso acerca do corpo das mulheres negras.

6. O DISCURSO SOBRE O CORPO

Historicamente, mulheres são sujeitadas às mais diversas violências sociais e morais pelo simples fato de serem mulheres, tendo assim seus corpos submetidos a constante controle social. Ao refletir sobre a falta de direito e autonomia das mulheres sobre seus próprios corpos, Scavone (2010, p. 49) observa que o corpo da mulher tem sido “um corpo assujeitado, medicalizado, à mercê de políticas morais, religiosas ou demográficas de Estado”. Consoante a isso, Cecília narra a continuidade do controle e ditadura sobre e no corpo da mulher, buscando sempre ajustar-se a um padrão considerado aceitável.

Daí o bullying mudou o foco, e agora era contra o meu corpo, zombavam de mim porque era muito magra, me chamavam de cabo de vassoura, era horrível – Cecília.

Ao longo de muitos anos, as mulheres são condicionadas à ditadura da beleza, que julga e impõe como devem ser seus cabelos, traços e corpos. Cury (2005, p. 5) nos alerta que a ditadura da estética “assassina a auto-estima, asfixia o prazer de viver, produz uma guerra com o espelho e gera uma auto-rejeição profunda”. A fala de Cecília reporta exatamente esse sofrimento ao narrar os termos utilizados para lhe ofender: *me chamavam de cabo de vassoura*; e as consequências causadas: *era horrível*.

Os padrões de beleza são alterados ao passo que a sociedade avança e inovações surgem, porém, esse sistema de aprisionamento em busca da perfeição “não tem por objetivo

produzir pessoas resolvidas, saudáveis e felizes; a ele interessa as insatisfeitas consigo mesmas” (CURY, 2005, p. 5). Sendo assim, o bem-estar feminino só é aceito quando se cumprem as esmagadoras exigências sociais, e à mulher cabe o lugar de corpo-objeto, sem autonomia ou vontade própria, moldando-se aos padrões impostos.

Através do relato de Cecília, podemos perceber o quanto está enraizado em nossa sociedade a padronização da beleza da mulher, que se apresenta através dos corpos de mulheres de peles brancas, altas, magras, cabelos loiros e lisos. O corpo da mulher está a todo momento sendo atravessado e constituído pelos discursos machistas que promovem o aprisionamento de muitas mulheres a uma busca incessante de adequação aos padrões estabelecidos. Diante disso, tanto uma mulher que esteja acima do peso considerado ideal, quanto aquelas que estão abaixo desse estereótipo podem sofrer *bullying* e se tornar uma vítima social.

Ao ser comparada com *um cabo de vassoura*, podemos perceber também o racismo presente nesse discurso. Silva *et al.* (2015) nos elucidam que o racismo é constantemente vivenciado na sociedade através de práticas discriminatórias que reforçam e inferiorizam as diferenças humanas supervalorizando a ditadura da beleza. Essas práticas discursivas discriminatórias partem de uma sociedade altamente racista que supervaloriza as hierarquias sociais e que estabelecem padrões de corpos ideais. As vítimas da ditadura da beleza estão em todos os lugares e muitas vezes são silenciadas, posto que, ao passo que sofrem humilhações constantes, tentam cada vez mais se enquadrar nos modelos impostos, e quanto mais se esforçam, mais são invisibilizadas, perdendo a sua identidade como sujeitos. Nesse sentido, a mulher negra

é a que mais sofre o crime de racismo velado que se manifesta na contracultura de não reconhecer seus valores culturais e a sua sabedoria. Sendo a beleza algo cultural, em cada lugar ela reflete algo diferente, mas em todos eles há pessoas insatisfeitas com o próprio corpo tentando atingir o padrão imposto pela sociedade (SILVA *et al.*, 2015, p. 5).

Até mesmo o modo como são modelados os corpos, como por tamanhos P, M e G, partem do padrão da pessoa branca, do padrão europeu. Silva (2019, p. 179) observa que os corpos de mulheres negras se distinguem do padrão que é estabelecido, “nós negras somos maiores, temos quadris mais largos, dificilmente uma mulher negra brasileira cabe em um número 38”. As perversidades do regime escravista constroem o corpo negro em padrões de fealdade, associando os aspectos fenotípicos da pessoa negra, “como o nariz, a boca, a cor da pele e o tipo de cabelo a de animais” (GOMES, 2002, p. 42). São processos opressores que persistem até hoje. Se a questão do gênero tem imposto à mulher processos cruéis, quando se

referem à mulher negra, esses processos são intensificados, uma vez que esta mulher tem sido submetida a processo de escarificação, em que nem a condição de humano lhe é concedida.

7. MULHER SURDA, NEGRA E O MACHISMO

Não entendia sobre empoderamento feminino, e também não tinha referência, não tinha informação, apenas ofensas e muita angústia. As pessoas que podiam me passar alguma informação não sabiam Libras, não conseguia me comunicar, foi muito difícil – Cecília.

A narrativa de Cecília nos faz refletir acerca das barreiras linguísticas enfrentadas pelas pessoas surdas. Os discursos circulantes acerca do racismo e do empoderamento feminino parecem não ser acessíveis às pessoas com surdez em razão desses discursos não serem discutidos na e por meio da Libras. Cecília relata que *“as pessoas que podiam me passar alguma informação não sabiam Libras, não conseguia me comunicar, foi muito difícil.”*. Diante disso, percebemos que a falta de comunicação foi um dos fatores que dificultou esse processo de empoderamento para Cecília. Ela relata que a falta de comunicação prejudicou o acesso a discursos de resistência que constituem os processos de empoderamento. Deste modo, a falta de comunicação contribuiu fortemente para a construção da fragilidade e vulnerabilidade de Cecília diante de todos os abusos sofridos.

Carmem, a outra participante, relata não ter tido acesso sobre questões de gênero na primeira graduação que realizou:

antigamente, antes da minha segunda formação acadêmica, eu confesso que não pensava muito a respeito das questões de gênero, por exemplo. Faltava e ainda falta informação para a comunidade surda. Devido a isso, eu achava que era bobagem; que não era uma temática tão importante – Carmem.

A falta de informações traz diversas implicações para a vivência dos sujeitos, lacunas que muitas vezes não são preenchidas. Através desses relatos, percebemos que esse é um dos fatores que pode estar presente nas experiências pessoais das pessoas surdas. Porém, Carmem relatou que no curso de Letras-Libras: licenciatura ocorreu um movimento diferente da graduação anterior:

Essa minha visão mudou devido às discussões ocorridas durante minha segunda graduação, que foi em Letras-Libras: licenciatura. Havia disciplinas com boas discussões a respeito de negritude, gênero, e isso me enriqueceu bastante, hoje percebo que é uma discussão muito importante, mas que realmente falta informação para os surdos, infelizmente – Carmem.

A participante Carmem relata um problema parecido com o de Cecília, a falta de comunicação. Tal problema acarretou uma falha quanto ao conhecimento de Carmem no tocante à pluralidade social. Essa realidade sofreu uma transformação quando Carmem adentrou em sua segunda graduação, que foi vivenciada no Curso de Letras-Libras: licenciatura na Universidade Federal de Alagoas (UFAL).

Ao ingressar no curso de Letras-Libras, Carmem teve acesso a mais informações que contribuíram para o seu desenvolvimento, *isso me enriqueceu bastante*. Porém, ela voltou a frisar que realmente existe *a falta de informação para os surdos*. Compreendemos que o acesso às informações é de extrema importância para o crescimento do ser humano. Ao sermos privado de tais informações, somos também privados de nossos direitos.

Talvez a mudança de perspectiva de uma graduação para outra se relacione ao fato de que, na segunda graduação, Carmem esteve mais integrada aos processos de ensino e aprendizagem e às discussões decorrentes. Isso se deu provavelmente porque em um curso de Letras-Libras, a língua do surdo ganha estatuto e valor, o que permite a inclusão da pessoa surda por meio da sua própria língua. De outro modo, os surdos estão constantemente sendo lesados pela falta de informação acessível em decorrência da falta de acessibilidade.

hoje vejo muitas publicações falando sobre a língua do surdo, a gramática da Libras. Tudo que tem relação à gramática, mas faltam pesquisas que tenham como foco o sujeito surdo, que visem o surdo. É muito triste, eu torço para que isso mude, agora que a UFAL tem o curso de Letras-Libras: licenciatura, eu acredito que novas pesquisas sobre o surdo vão surgir e serão publicadas mais pesquisas de TCC com esse tema, eu acredito – Cecília.

Através dessa fala de Cecília, percebemos a importância de tratar de assuntos que atravessam questões sobre o ser surdo, *faltam pesquisas que tenham como foco sujeito surdo, que visem o surdo*. A Universidade precisa de pesquisas que retratem a realidade dos sujeitos surdos com o objetivo de melhorar a qualidade de vida deles.

O curso me proporcionou uma maior autonomia, eu conhecia minha língua, e já aceitava minha identidade como mulher surda quando ingressei no curso – Carmem.

Segundo Farias (2019, p. 12), para o sujeito surdo, “o uso da língua de sinais, elemento característico da cultura e da identidade surda, assegura a noção de pertencimento a uma coletividade, garantindo-lhe plenas possibilidades de expressão e compreensão da realidade à sua volta”. Essa assertiva se coaduna com a fala de Carmem acerca do sentimento de pertencimento dentro do curso de Letras-Libras, a autonomia e o reconhecimento de sua

identidade. Dentro do curso ela pôde apropriar-se dos diversos temas que envolvem o sujeito surdo, compartilhar experiências e aprender com as trocas de conhecimento com outras pessoas. A interação entre os sujeitos estabelece um movimento de aprendizagem e desenvolvimento que colabora significativamente para o crescimento pessoal de cada um, *o curso me proporcionou uma maior autonomia.*

Diante da fala de Carmem, refletimos acerca da barreira linguística apontada e da consequente questão da inclusão. Mas será que é só isso mesmo? Acreditamos que as relações de poder também contribuem para dimensionar a quantidade de informações para acesso do surdo, isto é, na proporção de quanto mais informações, maior o poder, fato que coloca o surdo em posição mais frágil em relação à quantidade de informações à disposição do ouvinte.

Entretanto, a questão da inclusão vai mais além do que o problema da língua, voltando-se novamente para a questão da identidade de gênero.

Entretanto, em alguns momentos, me sentia inferiorizada diante do tratamento de alguns docentes para com alguns alunos surdos (homens), eu percebia alguns comportamentos, mas amo o Letras-Libras – Carmem.

Segundo Benevides, Macedo e Arruda Costa (2020), ao longo da história da educação de surdos a atenção era voltada para os meninos, principalmente os brancos e que possuíam maior poder aquisitivo. Ter a presença de meninas nas escolas foi de suma importância, sobretudo para as mulheres surdas que não eram consideradas nesse contexto educacional

Carmem nos permite refletir sobre como se estabeleceram os tratamentos entre os alunos homens e as mulheres e nos deparamos com questões históricas e estruturais, que assolam não só o curso de graduação, mas a nossa sociedade no geral, *em alguns momentos, me sentia inferiorizada diante do tratamento de alguns docentes para com alguns alunos surdos (homens).* O machismo relatado nessa fala reflete a estrutura dominante que ocorre desde o princípio da educação e que está longe de ter um fim. O machismo se revela de diferentes formas, em diferentes ambientes e é através desse movimento que ocorrem situações em que a mulher se sente inferiorizada, como foi o caso de Carmem.

Fizemos as mesmas perguntas para Cecília, que nos relatou outras situações envolvendo machismo. Dessa vez, ela fala sobre as experiências que viveu com seu ex-namorado:

Antes quando mais jovem eu não conseguia identificar o que era machismo, e nem atitudes machistas, isso só mudou depois que comecei a namorar. Meu ex-namorado (que na época do ocorrido era atual), era extremamente

machista, ele me oprimia dentro do relacionamento, nunca ouvia ou aceitava minha opinião, sempre que eu queria sair só, ele não deixava, sempre ia junto, tínhamos muitas brigas, e devido a tudo isso, terminamos – Cecília.

Cecília revela situações vivenciadas e experienciadas por ela que nos fazem refletir acerca de todo machismo estrutural que presenciamos até hoje em nossa sociedade, sobretudo com as mulheres, *sempre que eu queria sair só, ele não deixava, sempre ia junto, tínhamos muitas brigas*. Nesse cenário opressor, a mulher surda e negra parece sofrer duplamente, impactando diretamente a sua constituição identitária, profissional.

O relato de Cecília nos mostra uma realidade bastante recorrente na sociedade, posto que ao falar que seu namorado não a deixava sair sem ele, ela acaba trazendo à tona o que muitas mulheres ainda passam em seus relacionamentos. Em outras palavras, o homem se sente o dono da mulher, privando-a de viver suas próprias experiências, *meu ex namorado (que na época do ocorrido era atual), era extremamente machista, ele me oprimia dentro do relacionamento, nunca ouvia ou aceitava minha opinião*.

Cecília continua falando acerca de como foi o seu processo de compreensão sobre o machismo:

Após nosso término, eu encontrei orientação sobre machismo e relacionamento abusivo, sabe onde? No *Facebook!* Busquei a respeito do tema e comecei a entender o que era e o que tinha vivido. Logo após, uma amiga surda me explicou sobre feminismo, eu também não sabia o que era na época. Hoje, anos depois de tudo isso, consigo identificar muito nitidamente o que são comportamentos machistas – Cecília.

Vivemos numa sociedade extremamente conectada, onde toda e qualquer informação está ao nosso alcance. Essas ferramentas tecnológicas têm contribuído muito nos avanços dos debates sobre as pautas sociais mais atuais. Esse foi o caso de Cecília, que através de uma rede social conseguiu perceber as situações machistas de seu ex-namorado, *encontrei orientação sobre machismo e relacionamento abusivo, sabe onde? No Facebook! Busquei a respeito do tema e comecei a entender o que era e o que tinha vivido*, além de passar a conversar com amigas e evoluir essas discussões tão necessárias, *uma amiga surda me explicou sobre feminismo, eu também não sabia o que era na época*.

Acreditamos que interagir sobre esses assuntos, tendo como respaldo as teorias feministas, enriquece as vivências das mulheres. Conhecer seus direitos, reconhecer situações de opressão, se sentir acolhida por outras mulheres que ocupam o mesmo lugar social numa sociedade machista, é fortalecer mais e mais a posição das mulheres. Acreditamos que esse

movimento contribui grandemente para o processo de empoderamento feminino. É preciso falar sobre machismo, é preciso compreender o feminismo, é necessário se fortalecer de informações de boa qualidade, para que mais vidas sejam salvas e haja menos sofrimentos dentro de um sistema que engole singularidades humanas.

Eu, como mulher percebo situações de opressão para comigo, mas como mulher surda é muito pior! Até mesmo outras mulheres, elas são mulheres como eu, mas são ouvintes e eu sou surda, parece que sou inferior, que como mulher surda sou incapaz – Cecília.

Em sua fala, Cecília revela sentir-se inferior diante de suas companheiras mulheres ouvintes em decorrência de situações de discriminação por que passou, ao dizer que *eu como mulher percebo situações de opressão para comigo, mas como mulher surda é muito pior*. Tendo já discutindo a relação da discriminação e preconceito sofridos por Cecília por ser uma mulher negra, nos aprofundaremos na discussão que concerne ao preconceito linguístico e existencial, uma vez que Cecília sofre por ser surda. Sabemos que todas as mulheres passam por dificuldades pelo simples fato de serem mulheres, porém tais dificuldades ocorrem em níveis diferentes. É preciso destacar que as dores das mulheres são diferentes e causam percepções diferentes sobre a vida.

As mulheres surdas enfrentam não só lutas diárias por serem mulheres, mas também pela intersecção da surdez, o que provoca uma outra luta “contra a discriminação por ser surda” (MARTINS, 2008, p. 41). Cecília aborda um importante ponto de tensão sobre sua vivência que decorre de divisões dentro de um grupo já estigmatizado como inferior, o grupo que diz respeito às mulheres na sociedade. Ainda que o grupo seja composto por mulheres, há aquelas que sofrem para além de pertencerem a uma sociedade patriarcal e misógina, pois fazem parte também de outros grupos marginalizados, somando-se assim outros pontos negativos em suas existências. Martins (2008) nos lembra que:

Ser mulher e ser mulher surda são duas situações que implicam discernimento sobre direitos de igualdade social. Em suas constantes lutas, as mulheres mostram que não são apenas um aparelho reprodutor, mas que também são mulheres inteligentes, competentes, política, social e profissionalmente organizadas (MARTINS, 2008, p. 48).

À medida que as perguntas sobre a temática do machismo na comunidade surda foram avançando, fomos percebendo diferentes perspectivas de ser mulher nos mais diversos contextos. Neste caso, ser mulher surda e negra na comunidade surda revela o quão problemático o machismo pode ser e o que pode causar. Cecília relata:

Percebo sim, tem muito isso mesmo na comunidade surda, os homens se sentem superiores, nos julgam fracas, frágeis – Cecília.

Brito *et al.* (2021) citam Crenshaw (2002) observando que a mulher surda e negra se encontra entre o ouvintismo, sexismo e o patriarcado. Esse lugar é um espaço exclusivo para as mulheres, posto que os homens negros e surdos também sofrem com o racismo, porém eles não experienciam as questões ligadas à *misoginia e ao sexismo*, sendo assim a mulher negra e surda vivencia outras situações que não são encaradas como casos isolados (BRITO *et al.*, 2021).

O patriarcado, o sexismo, o machismo e o racismo revelam-nos todas as formas de relação de poder que as mulheres, sobretudo as mulheres surdas e negras, vivenciam diariamente. Esses valores estão presentes em todos os espaços sociais, provocando sentimentos irreparáveis de solidão, silenciamento, causando traumas profundos e destruindo subjetividades humanas.

Sofro três vezes mais o peso do preconceito social, eu percebo que para mim é muito pior, eu sinto na verdade. Mas, uma coisa que percebo e que sofro bastante é que além de ter o cabelo crespo, sou surda e mulher – Cecília.

Dando continuidade sobre suas vivências, Cecília aborda uma discussão de extrema importância, não só a denúncia do racismo, mas também o triplo preconceito que sofre, *sofro três vezes mais o peso do preconceito social, eu percebo que para mim é muito pior, eu sinto na verdade*. Ela relata que *além de ter o cabelo crespo, sou surda e mulher*.

Gomes (2019) ressalta que o racismo provoca cicatrizes enormes em quem passa por isso e enaltece quem comete tal ato, reforçando ainda mais as bolhas sociais da *branquitude*. O autor aborda que o racismo é esmagador aos que são submetidos a isso, porém para os causadores, tudo é encarado como uma forma de autoproteção. Tal movimento reforça os padrões de *beleza, inteligência, competência e civilidade* que são creditados a pessoas brancas. Esses atos de discriminação são manifestados e direcionados para as características físicas das pessoas negras, ou seja, seus corpos, cabelos e tons de pele (GOMES, 2019).

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa nos propomos a identificar quais discursos atravessam e constituem mulheres negras e surdas e os efeitos de sentidos resultantes dos discursos identificados nas vidas das participantes entrevistadas. Para tanto, além da introdução, iniciamos este artigo

recuperando aspectos históricos que situaram (e ainda situam) mulheres, pessoas negras e pessoas surdas em lugares marginais da sociedade. Em sequência, nas e por meio das entrevistas narrativas realizadas, pudemos identificar práticas discursivas de machismo, racismo e capacitismo enfrentadas pelas participantes.

Ainda na primeira seção, os dados nos revelaram a omissão por parte da família, por não darem a devida importância à série de descasos e *bullying*, relativizando o sentimento dessas mulheres acerca do que sofreram por terem o cabelo crespo, por suas roupas e seus corpos. Foram identificadas falas que retratam os episódios que fizeram com que essas mulheres sofressem com as pressões psicológicas, acarretando problemas de relacionamento e ansiedade. Ao refletirmos sobre esses fatos, destacamos que a saúde mental deve ser preservada para que o ser humano tenha condições de se desenvolver, se relacionar consigo e com os outros da melhor forma.

Na segunda seção, tratamos sobre questões da solidão do ser surda, aspecto que também afetou a vida dessas mulheres surdas. Muitas vezes essas mulheres se sentiram sozinhas e sem apoio algum para construírem suas indagações acerca de tantos assuntos que envolvem a sociedade. Ainda que convivam com falantes da Libras, muitas questões que perpassam na sociedade ficaram aquém de suas interações, acarretando pouco conhecimento acerca de muitos assuntos importantes por falta de informações.

Em virtude disso, muitas vezes sofreram com o machismo, tão predominante em nossa sociedade, experienciaram segregações dentro da própria comunidade surda e passaram por situações que as fizeram se sentir inferiores por serem mulheres negras e surdas. Além disso, percebemos o quanto a sociedade falhou ao direcionar seus preconceitos e discriminações para outros seres humanos e o quanto o sistema de hierarquia se mostra tão presente na vivência dos sujeitos. Por meio desta análise, conseguimos identificar como as participantes foram afetadas por esses discursos, e como as constituíram, uma vez que ambas sentiam vergonha de seus traços e sentiam-se inferiores.

Compreendermos que esta pesquisa apresentou dados riquíssimos e muito relevantes que podem abrir espaço para outras reflexões advindas de mais pesquisas na área acerca da temática. Devemos resistir sempre, principalmente nos tempos de hoje, entendemos a urgência em continuar pesquisando sobre os sujeitos e sobre as constituições de suas identidades, em suas mais diversas formas de alteridade, reiterando sempre o nosso posicionamento acerca da importância de se investir em educação e inclusão social.

Resist in order to exist: an analysis of black deaf women narratives about their (re)existence

ABSTRACT:

This research focuses on the narratives of black and deaf women who are inscribed in the most diverse social contexts. The main objective of this study was to identify which discourses cross and constitute black and deaf women and the effects of these discourses in the lives of these women. This investigation is located in the field of Applied Linguistics because we recognize the relationship between language and life as inescapable (MOITA LOPES, 2006). Furthermore, we adhere to the assumptions of Bakhtin and the Circle (VOLÓCHINOV, 2017; BAKHTIN, 1992) by understanding that all relationships among subjects are (re)constructed in and through language. As a methodological approach, two black and deaf women were selected, both residents of the city of Maceió-AL, aged 31 and 34 years, respectively. Narrative interviews (MINAYO, 2016) were carried out with the participants. The data generated in the narratives were analyzed in the light of contributions of authors who discuss deaf and black women, and also authors who debate the issue of racism (VEDOATO, 2015). The results show that the participants went through countless experiences that reveal the presence of structural racism, as well as the ableism associated with gender discrimination. It is concluded that the circulating misogynistic, racist and ableism discourses crossed and constituted these subjects, covering them with prejudices against themselves, leading them to a process of self-knowledge and (re)existence/resistance.

KEYWORDS: Discourse. Narratives. Libras. Deaf woman. Black woman. Gender and Racism.

REFERÊNCIAS:

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução a partir do francês por Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. Revisão da tradução Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BENEVIDES, S. L. L.; MACEDO, Y.; DE ARRUDA COSTA, D. A. Educação de surdos numa perspectiva do Feminismo Negro. **Revista Odisseia**, 2020, 5.1: 40-59.

BISOL, C.; SPERB, T. M. Discursos sobre a surdez: deficiência, diferença, singularidade e construção de sentido. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 26, n. 1, p. 07-13, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/SQkcz9tT9tyhYBvZ4Jv5pfj/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 24 de mai. 2022.

BRITO, I. A. *et al.* Que corpo é esse? Literatura negra surda, interseccionalidades e violências. **Odeere**, v. 6, n. 1, p. 209-232, 2021. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/odeere/article/view/8533/5911>. Acesso em: 24 de mai. 2022.

CAMPELLO, A. R. Língua de sinais brasileira na trajetória do povo e comunidade surda. **EDUCAÇÃO DE SURDOS**, 93.

CURY, A. **A ditadura da beleza e a revolução das mulheres**. Rio de Janeiro: Sextante, 2005.

DAVIS, A. **Mulheres, raça e classe**. Trad. Heci Regina Candiani. - 1. ed. - São Paulo: Boitempo, [1944] 2016. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4248256/mod_resource/content/0/Angela%20Davis_Mulheres%2C%20raca%20e%20classe.pdf. Acesso em: 24 de mai. 2022.

FARIAS, A. Q. Gênero e surdez: a presença da mulher na escola e na universidade. In: CONEDU – VI Congresso Nacional de Educação. **Anais...** Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/ebooks/conedu/2019/ebook2/PROPOSTA_EV127_MD4_ID1992_31082019000400.pdf. Acesso em: 24 de mai. 2022.

FABRÍCIO, B. F. Linguística aplicada e visão de linguagem: por uma INdisciplinaridade radical. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 17, p. 599-617, 2017. Disponível em: http://old.scielo.br/scielo.php?pid=S1984-63982017000400599&script=sci_arttext. Acesso em: 24 de mai. 2022.

GOMES, N. L. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. 3 ed. rev. amp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

HOOKS, B. **E eu não sou uma mulher?: mulheres negras e feminismo**. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 2019.

KING, A. M. **Os cabelos como fruto do que brota de nossas cabeças**. Geledés Instituto da Mulher Negra: São Paulo, 2015.

MATTOS, I. G. de. Estética afro-diaspórica e o empoderamento crespo. **Pontos de Interrogação**, v. 5, n. 2, p. 37-53, 2015. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/pontosdeint/article/view/2164/1497>. Acesso em: 24 de maio de 2022.

MATTOS, É. M. S. **Cachear e Encrespar: moda ou resistência? Um estudo sobre a construção identitária do cabelo afrodescendente em blogs**. Universidade de Brasília. Faculdade de Comunicação Social. Comunicação Organizacional, Brasília: DF, 2015.

MARTINS, C. R. A mulher surda na comunidade de surdos. **Educ Ciênc Cult**, v. 13, n. 2, p. 41-9, 2008. Disponível em: https://revistas.unilasalle.edu.br/documentos/Educacao/V13_2_2008/03_Martins.pdf. Acesso em: 24 de mai. 2022.

MENDES, V. S. **Meu cabelo é resistente e resistência: empoderamento e identidade da mulher negra**. 2021. 31f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de Licenciatura em Letras – Português e Espanhol, Cerro Largo, RS, 2021. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/bitstream/prefix/4373/1/MENDES.pdf>. Acesso em: 24 mai. 2022.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 14 ed. São Paulo: Ed. Vozes, 2016.

MOITA LOPES, L. P. Uma Linguística Aplicada Mestiça e Ideológica: interrogando o campo como linguista aplicado. In. MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006, p. 13-42.

NOGUEIRA, C. R. F. **Bruxaria e História – As práticas mágicas no ocidente Cristão**. São Paulo: Editora Ática. 1991.

PAIVA, V. L. M. O. A pesquisa narrativa: uma introdução. **Revista brasileira de linguística aplicada**, v. 8, p. 261-266, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbla/a/gPC5BsmLqFS7rdRWmSrDc3q/?lang=pt#>. Acesso em: 24 de mai. 2022.

PAULINO, S. C.; PAULINO, S. C. Trançando identidades: o cabelo da mulher negra em Esse Cabelo de Djaimilia Pereira de Almeida e Americanah de Chimamanda Ngozi Adichie. **Revista Docência e Cibercultura**, v. 3, n. 3, p. 215-231, 2019.

PERLIN, G. T. T. **O ser e o estar sendo surdo: alteridade, diferença e identidade**. Porto Alegre, 2003.

SCAVONE, L. Nosso corpo nos pertence? Discursos feministas do corpo. **Revista Gênero**, v. 10, n. 2, 2010. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/download/30869/17957>. Acesso em: 24 de mai. 2022.

SILVA, D. C. *et al.* A beleza da mulher negra no município de São Francisco do Conde. **UNIAFRO**. Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB, 2015. Disponível em: https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/bitstream/123456789/1382/3/2015_arti_dsilva.pdf. Acesso em: 24 de mai. 2022.

SILVA, G. M. da. Corpo, política e emoção: feminismos, estética e consumo entre mulheres negras. **Horizontes Antropológicos**, v. 25, p. 173-201, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/bjXNsc9sWMqYyF4qPsPfdjq/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 24 de mai. 2022.

STELLA, P. R.; TAVARES, R. R. Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Inglês da UFAL: os letramentos em questão. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, 2012, 12.4: 955-970.

TOLEDO, C. **Mulheres: o gênero nos une, a classe nos divide**. 2. ed. Apresentação de Claudia Mazzei Nogueira. São Paulo: Sundermann, 2008.

VAN CLEVE, John V.; CROUCH, Barry A. **A Place of Their Own: Creating the Deaf Community in America**. Gallaudet University Press: Washington, 1989.

VEDOATO, S. C. M. **Relações entre surdez, raça e gênero no processo de escolarização de alunos surdos do Paraná**. 2015. 66f. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado em Educação) –Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015. Disponível em: http://www.uel.br/pos/ppedu/images/stories/downloads/dissertacoes/2015/2015_-_VEDOATO_Sandra_Cristina_Malzinoti.pdf. Acesso em: 24 de mai. 2022.

VIEIRA, L. A invisibilidade da estética negra: a dor do racismo. **Geledes**. 2015. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/a-invisibilidade-da-estetica-negra-a-dor-do-racismo-sobre-nossos-cabelos/>. Acesso em: 05 mar. 2022.

VOLÓCHINOV, V. (Círculo de Bakhtin). **Marxismo e filosofia da linguagem** – Problemas Fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem. Tradução, notas e Glossário: Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. Ensaio Introdutório: Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, [1929] 2017.